

CAXIAS: UMA VIDA DEDICADA AO BRASIL

**Gen Ex Pedro Luis de Araújo
Braga (*)**

Meus Patrícios!

Falar sobre a vida de Luis Alves de Lima e Silva, em qualquer quadra de sua dilatada e preciosa existência é sempre compor uma página de nossa História, pois que quase não há um notável evento, no primeiro meio século do Brasil independente, sem que tal nome não se lhe ache indelevelmente vinculado.

Para nós, militares, constitui subida honra homenagear o maior de nossos soldados, por isso escolhido para nosso Patrono. Mas o Duque de Caxias não foi apenas um General. Foi um dos brasileiros mais ilustres, quer como cidadão, quer como político, quer ainda como estadista. Portanto, macular a memória desse grande patrício, como ousam fazer alguns contadores de estórias em busca de escândalo e sensacionalismo, é ultrajar a própria honra nacional.

Oriundo de uma família genuinamente militar, com larga ascendência de notáveis oficiais-

**(*) O autor é General-de-Exército,
Sócio Emérito do IGHMB e
Presidente do Conselho Deliberativo do Clube Militar.**

generais, Luís Alves de Lima e Silva nasceu em 25 de agosto de 1803, dia de São Luis, rei da França, de quem tomou o nome, na Fazenda de São Paulo, no Taquaraçú, Vila do Porto da Estrela, Província do Rio de Janeiro. Filho legítimo do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva – mais tarde Marechal-de-Campo, Regente do Império e Senador – e de D. Mariana Cândida de Oliveira Belo, seis famílias, em que se mesclavam o elemento luso, o elemento francês e o elemento nacional, formavam os ancestrais nobres daquele que haveria de ser o “vexilário Impertérito da Pátria”: a dos Silva – dos Fonseca – Aragão – Brandão – Soromenho e Silveira.

Passemos, perfunctoriamente, por suas infância e adolescência: praça, como 1º Cadete, aos cinco anos de idade, consoante o costume da época; aos 14 anos, presta o seu juramento à Bandeira; aos 17, promovido a tenente, concluídos seus estudos bélicos e matemáticos na Academia Real Militar do Largo de São Francisco. Passa então a usar a dragona no ombro direito, eis que, como alferes, ao término do 1º ano de seus estudos militares, a usava no lado esquerdo.

Tenente ainda, é escolhido por D. Pedro I para integrar o “Batalhão

do Imperador”, composto por 800 grupos militares, de compleição atlética, porte hercúleo e altura, comandados por oficiais de excepcional valor, selecionados pessoalmente pelo monarca. E é o jovem Luis Alves que cabe receber, das mãos do Imperador, em tocante cerimônia realizada aos 10 Nov 22, a primeira bandeira do Império recém-criada, não mais a azul e branca com a coroa sobreposta ao escudo real lusitano, mas o pavilhão “verde de primavera e amarelo do ouro”, ainda envolto em espirais de incenso que o Bispo Capelão-mor lhe lançava de seu turíbulo de prata. Oh! Sublime distinção! Oh! Divino desígnio! Justamente aquele que mais a haveria de honrar!

Mais tarde, cabe-lhe organizar o Corpo de Municipais Permanentes, cujo comando lhe é entregue. É essa força que vence os amotinados republicanos, sob a liderança do Maj Miguel Frias de Vasconcellos, seu grande amigo e que a ele irá irmanar-se na luta na Província de S. Pedro.

Acha-se o Maj Luiz Alves no Rio de Janeiro, em suas funções, quando é promovido a Tenente-Coronel, em 12 Set 1837. Conta 34 anos de idade.

Doía nos mais tarde, já Coronel, é nomeado Presidente da Província do Maranhão e comandante geral das forças militares lá sediadas. Sua missão: acabar com a Balaiada. Fruto de rivalidades e desajustamentos, este movimento sedioso, que eclodira em 1838, crescera perigosamente. Manuel Francisco dos Anjos Ferreira,

um fabricante de balaios – e daí o nome da sublevação – aliado ao vaqueiro Raimundo Gomes Vieira Jutabi e a um negro escravo foragido, Cosme Bento das Chagas, já havia conseguido reunir 12.000 homens.

Após a posse e o saque de várias localidades e fazendas, tanto no Maranhão como no Piauí, o verdadeiro exército de jagunços cerca e consegue tomar a cidade de Caxias.

Assumindo o seu cargo em 07 Fev 1840, o Cel Luis Alves cedo descobre porque era difícil sufocar a revolta: os governantes eram politicamente inábeis, cercados de aproveitadores e a tropa legal mal paga, mal alimentada, mal fardada e despreparada. Suas primeiras medidas são no sentido de colocar a casa em ordem: demite, prende, estrutura o exército, dá melhor tratamento aos soldados e os adestra. Organiza a vitória. E só então ataca os insurretos. Seu exército ele o denomina de “Divisão Pacificadora do Norte”.

Em 19 Jan 1841, menos de um ano depois, o Cel Lima e Silva declara restaurada a ordem e a paz na província do Maranhão. Regressa à Corte, em 30 Jan daquele ano e é, no mês seguinte, com 38 anos incompletos, promovido a Brigadeiro. Recebe então o título nobiliárquico de Barão de Caxias, uma referência à cidade na qual derrotara os balaios.

Outra sedição eclodira, em 1842, em S. Paulo, de liberais inconformados com medidas adotadas pelo Gabinete Conservador. Sob o pretexto de libertar o Imperador de

“uma oligarquia sedenta de mando e riqueza”, seu propósito era, na verdade, a tomada do poder.

O movimento irrompe em Sorocaba e um de seus chefes é o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que acabara de deixar o governo de S. Paulo. Mas essa revolução tem, por trás, Diogo Antônio Feijó, o ex-Ministro da Justiça ao tempo da Regência, a cujas ordens Caxias já obedecera.

Quem mais indicado para debelá-la que o Pacificador do Maranhão? O Barão de Caxias é nomeado Comandante-em-chefe das Forças em Operações em São Paulo e Vice-Presidente da Província. Aos 20 Jun entra em Sorocaba, principal reduto dos insurretos, sem dar um só tiro. E se repete, na ocasião, o mesmo tratamento justo e humano concedido aos vencidos, a capacidade de perdoar os revoltosos arrependidos.

Quero recordar aqui o teor da correspondência trocada entre o Comandante do Exército Pacificador e o Ex-Regente, quando Caxias se aproxima de Sorocaba, na qual o rebelde alinha as condições para sua capitulação:

“Sorocaba, 14 de junho de 1842. Ilm^o e Exm^o Sr Barão de Caxias:

Quem diria que em qualquer tempo o Sr Luis Alves de Lima seria obrigado a combater o padre Feijó? Tais as coisas deste mundo...” (e assim prossegue a carta).

a) Diogo Antônio Feijó”

A resposta de Caxias, sempre infenso a ironias, é redigida no mesmo tom:

“Ilm^o e Exm^o Sr Diogo Antônio Feijó:

Respondo a VEx^a pelas palavras da sua carta hoje recebida. Direi: - Quando pensaria eu, em algum tempo, que teria de usar força para chamar à ordem o Sr Diogo Antônio Feijó? Tais as coisas do mundo! As ordens que recebi de S. M. o Imperador são em tudo semelhantes às que me deu o Ministro da Justiça em nome da Regência, nos dias 3 e 17 de abril de 1832, isto é, que levasse a ferro e fogo todos os grupos armados que encontrasse e, da mesma maneira que então as cumpri, as cumprirei agora. Não é com armas na mão, Exm^o Sr, que se dirigem súplicas ao monarca, e nem com elas empunhadas admitirei a menor das condições que V. Ex^a propõe na referida carta...”

Caxias pouco se demora em São Paulo. Regressa ao Rio de Janeiro, via marítima, onde chega no dia 23 de julho. Nessa mesma noite, depois de jantar em Palácio,^b recebe de S. M. Real o decreto que o nomeia Ajudante-de-Campo do Imperador.

A Província de Minas, que vinha sendo açulada pelas idéias subversivas dos liberais descontentes, deixa-se envolver pela revolta armada. Todavia, lá a revolução não é tão fácil de ser debelada como a de São Paulo, apesar de haver deflagrado após conhecido o malogro da sedição de Sorocaba.

Dois dias depois de seu regresso, recebe Caxias do Ministro da Guerra, José Clemente Pereira,

novas ordens: pacificar aquela província.

Sem tardança, parte para Ouro Preto e no dia 30 publica, de seu QG instalado em Brumado, um edital em que declara que poderiam retornar a seus lares todos os que, não sendo chefes da revolta, se apresentassem com seu armamento. Os recalcitrantes seriam convocados para o serviço ativo. E não tarda que a vitória lhe bafeje, em Santa Luzia, fazendo com que aquele foco que hostilizava um mal nascido regime deixe de ameaçar a unidade nacional.

Mais uma revolução debelada!
Mais outra província pacificada! Tudo graças ao extraordinário general!

E podia o Governo Imperial participar à nação brasileira o grande evento.

Faltava ainda pacificar o Rio Grande do Sul. Lá, a Revolução Farroupilha já durava sete anos! Generais e presidentes da Província de São Pedro, em número de onze desde o início da sublevação, já haviam por lá passado e a luta não terminara. E, lembremo-nos, fora do Sul que partira a centelha revolucionária que antes inflara o Maranhão, São Paulo e Minas Gerais.

Quando Luis Alves, promovido a Coronel, fora apresentar-se ao Ministro da Guerra, Conde Lajes, ouviu dele as seguintes palavras proféticas:

“Eu não fiz um coronel, fiz o general que há de pacificar o Rio Grande do Sul. Vá criar nome e prestígio no Maranhão e venha para pacificar o Sul.”

Em 28 Set 1842, Caxias é nomeado Presidente da Província e Comandante das Armas do Exército Legalista. Chega a Porto Alegre aos 09 Nov. Como era de seu feitio, lança logo uma proclamação ao povo gaúcho conclamando à paz; cria um ambiente novo; coloca em ordem a administração e reorganiza o exército. Reconhece o valor dos insurgentes que terá de enfrentar. Um deles, Bento Manuel, acredita na sinceridade de Caxias e vem formar a seu lado. Após dois anos de luta, o Barão sai vitorioso mais uma vez. Não tinha em vista glórias militares nem honras pessoais. Seu intuito, honesto e autêntico, como demonstrara antes, é conseguir a união de todos os brasileiros.

Todavia, não seria tão cedo que Caxias desfrutaria da merecida paz... Em 1852, Manuel Oribe, um perverso presidente uruguaio, une-se ao governante argentino Juan Manoel de Rosa, ambicioso e sedento de poder, no sonho de reconstituição do Vice-Reinado do Prata. As reclamações e medidas de garantia solicitadas pelo Império Brasileiro, em face de vexames e perseguições que sofriam comerciantes e estancieiros radicados na antiga Banda Oriental, foram acintosamente recusadas. Vai começar a luta contra a tirania.

Caxias é nomeado Presidente da Província do Rio Grande do Sul e Comandante-em-Chefe do Exército do Sul.

Em ação combinada Exército-Marinha, Caxias invade a Banda Oriental em 4 Set 1842. Bate as forças

de Oribe em Lãs Piedras e entra em Montevidéu. Resta ainda derrotar Rosas, que tem também contra ele, agora, o General Justo José de Urquiza, da Província de Entre Rios.

O plano é simples: atacar Rosas pela margem direita do rio Uruguai, investindo contra Buenos Aires, enquanto Caxias, com o grosso do exército, na outra margem, em Colônia do Sacramento, aguardaria, articulado com a esquadra imperial, para a travessia do rio e o ataque à capital portenha, se necessário.

Vale a pena recordar, por ser pitoresco e desvendar outra faceta da personalidade do grande vulto pátrio, o diálogo travado entre Caxias e o embaixador brasileiro na Banda Oriental, Honório Hermeto Carneiro Leão, em conferência solicitada por este ao chefe militar, antes do início da ação contra Rosas.

“Sr Marechal, diz-lhe Honório Hermeto. Pelo tratado com Urquiza, o Brasil compromete-se a entregar-lhe uma divisão de três armas. É um comando da maior importância.

- Assim o creio.

- Já pensou VEx^a a quem vai entregá-lo?

- Ao Brigadeiro Manoel Marques de Souza, responde Caxias.

Carneiro Leão quase tem um desmaio!

- Ao General Marques de Souza? Não é possível! Sr Conde! O seu coração parece dominar a sua cabeça!

O embaixador por certo via, na pessoa do escolhido, aquele oficial

conhecido pelo extraordinário apurmo de seus uniformes, sempre preocupado com seus bordados e galões, requestado pelas damas, exímio dançarino, uma genuína figura de salão.

Mas Caxias sabia onde estava o verdadeiro soldado, por mais perturbadoras que fossem as suas aparências. Sua resposta não se faz tardar. Batendo no ombro do diplomata, com quem tinha intimidade, responde:

- Meu amigo, meta-se com a sua diplomacia, porque de militância você não sabe nada!

O combate decisivo de Monte Caseros, que pôs fim à tirania de Rosas, confirmou a escolha vidente do Marechal.

Caxias, que partira como Marechal-de-Campo e Conde, retorna à Corte como Tenente-General, promovido em 3 Mar 1852 aos 48 anos de idade, e o título de Marquês.

Em 1864, ainda às voltas com as lutas contra os blancos do Presidente Atanásio Cruz Aguirre, da República Oriental do Uruguai – um seguidor das idéias de Oribe – viu-se o Brasil atacado pelo ditador Francisco Solano Lopez, Presidente do Paraguai. Era o terceiro tirano, outro componente da trilogia sinistra do Prata. Solano Lopez não perdoava o Império por haver sido recusada sua pretensão de mediador na solução do contencioso Brasil-Uruguai e muito menos por ver barrado seu desejo de candidato a esposo da Princesa Isabel.

Tal como Rosas, tinha sonhos de grandeza e ambicionava reestruturar, sob sua liderança, o antigo Vice-Reinado do Prata. Decidido, impetuoso, dotado de carisma, dominava, com mão férrea, o povo que até hoje ainda o venera, malgrado o elenco de crimes vis que cometeu contra sua própria gente.

O vapor brasileiro Marquês de Olinda é aprisionado em águas do Rio Paraná. O Sul de Mato Grosso é invadido. Pouco depois, são invadidos também a Argentina e o Rio Grande do Sul. É a guerra, novamente.

É preciso nomear, com urgência, o comandante das tropas brasileiras. Quem melhor que Caxias? Quem acumulara tanta experiência? Caxias era um nome nacional, respeitado como a expressão culminante do Exército. Chegou até a ser cogitado! Mas Caxias era conservador e o Gabinete era liberal! E os interesses da política partidária se sobrelevaram aos próprios interesses nacionais...

São conhecidos os primeiros episódios da guerra: partindo de Corrientes, a travessia do Rio Paraná em Passo da Pátria, a tomada da ilha Cabrita, as vitórias de Forte Itapiru, Estero Bellaco, Tuiuti (primeira batalha), Sauce, Curuzú. Aí surge o insucesso de Curupaití, sentinela avançada de Humaitá. Um ano de guerra é passado... A penetração em território paraguaio é de apenas 14 quilômetros! Há um consenso de que o estado vizinho é pequeno, carente e, malgrado a vontade de lutar, não

resistiria a uma pressão mais forte.

Os políticos liberais Paranaguá e Zacarias de Góis e Vasconcelos, colocando, por fim, o interesse nacional acima das conveniências político-partidárias, convencem o Gabinete de que, em face de tudo o que ocorria, Caxias é o chefe de que, mais uma vez, o Brasil precisa. Zacarias vai pessoalmente à residência do Marechal, na Tijuca, convidá-lo para o comando.

A resposta de Caxias, conta-se, teria sido:

“Minha espada não tem partido! Sou, sobretudo, militar e só imponho ao Governo uma cláusula: a da mais inteira confiança”.

Em 10 Out 1866 é nomeado Comandante-em-Chefe das Forças Brasileiras e promovido a Marechal-de-Exército. Viaja aos 29 do mesmo mês para Buenos Aires, de onde segue para Corrientes e Itapiru. Assume o comando em 19 Nov 1866, em Tuiuti. O que encontra? Um bando, caindo aos pedaços, abatido, sem moral, abandonado, vivendo à sua própria sorte... Seu primeiro e ingente esforço é no sentido de soerguer aquela tropa, reorganizá-la moral e materialmente, restabelecer a confiança. O insucesso de Curupaití e os quase 15 meses de estagnação levaram-na a tal lamentável estado. Caxias prefere gastar tempo em preparação para, depois, vencer o mais rapidamente.

O terreno a ser percorrido é minuciosamente reconhecido, até com o emprego da aeroestação; a tropa é

adestrada; outras medidas administrativas, essenciais à vitória, são implantadas. Em 22 Jul 1867 tem início a famosa marcha de flanco que, desbordando Curupaití, leva a Tuiucú. Trava-se a segunda batalha de Tuiuti. Em apenas 23 dias, são construídos 11 quilômetros de estradas através do Chaco, calçadas com os troncos de mais de 6.000 coqueiros – a segunda marcha de flanco, para desbordar Pequeciri e Angostura. Vêm, então, as vitórias da dezembrada: Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Augostura. Depois, a tomada de Assunção, abandonada, eis que Lopez refugiara-se, com o que restava de seu exército, nas Cordilheiras.

Com 66 anos, Caxias começa a sentir as conseqüências dos exagerados esforços. Nos últimos combates estivera exposto aos aguaceiros e aos temporais. E jamais deixara de correr os bivaques, os acampamentos e, muitas vezes, a própria linha de frente. Na Catedral, durante uma missa a que comparece com o seu estado-maior, é vítima de uma síncope que dura meia hora. À noite agrava-se seu estado de saúde. Caxias sente que não deve continuar à testa do Exército, como proíbe o cirurgião-mór.

Após 26 meses de comando, é evacuado para Montevideu e de lá, com autorização do Imperador, viaja para o Rio de Janeiro.

Sua Ordem do Dia nº 275, de 7 Fev 1869, é a última que dirige a todas as forças brasileiras em operações contra o Governo do

Paraguai. Diz ela o seguinte:

“Achando-me gravemente enfermo e tendo obtido do Governo Imperial licença para tratar de minha saúde no Brasil, é com o coração oprimido pela dor que sinto, ao separar-me do Exército, a quem me coube a honra de comandar, que me dirijo aos meus camaradas para dizer-lhes os meus adeuses, restando unicamente o consolo de os deixar aos cuidados do bravo e distinto General Guilherme Xavier de Souza, que os saberá levar sempre pelo caminho da glória, que até hoje tem trilhado.

Se, porventura, tiver ainda a fortuna de me restabelecer nos lares pátrios, contem os meus bravos companheiros de glórias e fadigas que ainda um dia voltarei para continuar a ajudá-los na árdua campanha em que nos achamos empenhados.

Espero e tenho inteira confiança que a estima, consideração e amizade que de todos mereci, desde o general meu imediato até o último de seus soldados, serão do mesmo modo prodigalizados ao meu sucessor, sendo religiosamente cumpridas as suas ordens, como sempre o foram as minhas.”

Na noite de 15 Fev 1869, o navio mercante São José atraca no porto do Rio de Janeiro. A bordo, o herói do Paraguai, o maior dos Generais brasileiros.

À sua espera, no cais, só a velha marquesa, sua adorada esposa, Anica, como a chamava, “o maior bem que neste mundo gozava” – diria ele mais tarde, quando de sua morte. Ninguém

mais! Nem representante do Ministro da Guerra, nem do Conselho, nem do Senado, nem do Imperador! Oh! Humanidade ingrata! Triste regresso de um grande vencedor!

Em 23 Mar 1869, “pelos relevantes serviços prestados na Guerra do Paraguai”, Luis Alves de Lima e Silva recebe do Imperador o título de Duque de Caxias – o único duque brasileiro no segundo reinado – afinal, uma prova de gratidão.

Eis aí, senhoras e senhores, o guerreiro, o chefe militar, o estrategista, o herói, como é, geralmente, que recordamos a figura de Caxias!

Todavia, também como político, muito se teria que falar sobre a atuação de Caxias, pois revela, à larga, sua vocação de estadista: como Deputado pelo Maranhão, Senador pelo Rio Grande do Sul, Conselheiro, Presidente do Conselho de Ministro por três vezes, Ministro da Guerra por duas vezes. Reconheceram as gerações de então que faltavam a Caxias, diferentemente do que sobrava em outros, “o interesseirismo imediatista, o faviritismo, o maquiavelismo, o despudor de certas atitudes, a habilidade intrigante, a ambição-desenfreada.”

Certa feita, no Senado, ao ser censurado por haver promovido um oficial deveras bravo mas muito moço ainda, retrucou:

“Depois das primeiras batalhas, cria-se, nos exércitos em campanha, a aristocracia da bravura”.

Registra-se, também, que foi ao tempo de seu terceiro e derradeiro

período como Presidente do Conselho de Ministros que teve solução a chamada “questão religiosa”, criada pela perseguição que os bispos de Olinda e do Pará moviam a seus diocesanos que insistiam em conciliar a religião católica romana com a maçonaria.

E, por falar nesta instituição secular – a maçonaria – tão presente à época, Caxias e outras personalidades de seu tempo eram a ela filiados.

O nosso homenageado ascendeu ao mais alto grau na estrutura da irmandade – o 33 – e a ela prestou relevantes serviços como pacificador, trazendo a paz, a união, a concórdia e eliminando a dualidade maçônica decorrente de um cisma.

Por isso, é considerado seu Grão-Mestre Honorário e Patrono – justo galardão a quem tanto soube dar de si.

Afastado da vida pública e recolhido à Fazenda Santa Mônica, pertencente a seu genro, na estação ferroviária do Desengano, hoje Juparanã, Município de Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, em contacto com a natureza, preso a uma cadeira de rodas no final de sua existência, na qual passeia pelos vastos salões da propriedade ou se deixa ficar na varanda, abstrato e sonolento – talvez em permanente oração – Caxias vê findar-se seu sopro de vida na noite de 7 de maio de 1880. Transportado rapidamente para o leito, às 6 e meia da tarde, pouco depois expira, não sem antes fazer ao Monsenhor Meireles sua confissão e receber dele

o último sacramento.

Diz Afonso de Carvalho, poeta e historiador:

“O Duque presente que vai morrer. Seu olhar, esgazeado, percorre todo o aposento, como à procura dos veteranos da Guerra de Paraguai para dizer-lhes adeus.

Não está presente o seu corneteiro negro da batalha de Avaí para dar, agora, o toque de silêncio...

Brasileiros! Está morrendo o maior de seus generais!

Mas, em lugar de um clarim, é o sino da igreja que se ouve, pedindo uma oração.

É que Caxias não perece como um guerreiro. Morre como um santo.”

O bravo duque, às vésperas da morte, lega-nos outra lição de humildade. Abre mão de todas as honras fúnebres a que teria direito.

Quer descer à última morada pelos braços dos seus camaradas de armas: pede que seu corpo seja carregado por seis soldados de bom comportamento da guarnição da Corte, a quem recompensará por tal serviço. Em seu corpo quer apenas duas condecorações: a Medalha do Mérito Militar e a da Campanha do Paraguai.

Meus patrícios! Marejam-me os olhos e embarga-me a voz ao recordar tanta grandeza, tanta desambição, tanta modéstia! Isto não é fraqueza! É brasilidade!

Ao pé do túmulo, em nome do Exército, o Visconde de Taunay. Sua oração, eloqüente e comovida, assim termina: “Carregaram o seu féretro seis soldados rasos, mas, senhores,

esses soldados que circundam agora a gloriosa cova e a voz que se levanta para falar em nome deles, são o corpo e o espírito de todo o Exército Brasileiro. Representam o preito derradeiro de um reconhecimento inextinguível que nós, militares de norte a sul deste vasto império, vimos render ao nosso velho marechal, que nos guiou como general, como protetor, quase como pai durante quarenta anos; soldados e orador, humildes todos em sua esfera, muito pequenos pela valia própria, mas grandes pela elevada homenagem e pela sinceridade da dor.”

Os restos mortais do Pacificador, recolhidos inicialmente ao Cemitério do Catumbi, no Rio de Janeiro, foram trasladados para o Panteon, inaugurado em 25 de agosto de 1949, no governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra, em memorável jornada cívico-patriótica da qual, como tenente, tivemos o privilégio de participarmos. Para ele foi também transportada a estátua equestre de Caxias, descerrada em agosto de 1899, no Largo do Machado, pelo Presidente Julio Rocca, da Argentina. Toda em bronze, é obra do escultor Girardet e foi fundida nas Oficinas Thiebot, de Paris, França. Lateralmente, no pedestal, há cenas que evocam a passagem da Ponte de Itororó e a entrada de Caxias em Assunção.

Em 1962, o Governo Federal, pelo Decreto nº 51.429, de 13 de março, proclamou o Duque de Caxias Patrono do Exército Brasileiro.

Seu sabre, símbolo da honra

militar, usado na Revolução de Minas Gerais e na Guerra da Tríplice Aliança, acha-se sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O espadim conduzido pelos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, criado por iniciativa do general José Pessoa Cavalcanti d'Albuquerque, é réplica fiel dessa arma.

Senhoras e Senhores!

Eis aí, em rápidas pinceladas, o perfil do grande cidadão brasileiro Luis Alves de Lima e Silva – o soldado, o político, o estadista, o benfeitor, o esposo, o amigo, o Pacificador.

Para concluir esta homenagem, que o Presidente do Clube Militar e o Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil atribuíram a este velho soldado e modesto patricio, deixemos falar o Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, o primeiro e um dos melhores biógrafos de Caxias, em sua obra já centenária, pois que escrita em 1878:

“Nunca um homem, com

tamanha glória, foi a essa glória tão superior, nunca homem, com tamanho mérito, do seu mérito se orgulhou menos; nunca homem, com tantos e esplendentes sucessos, tanto desadorou ostentações ou lisonjas; nunca homem, a tanta grandeza, reuniu tal grau de modéstia, clareza e bondade; nunca homem, com tanto engenho e saber, sentiu menos filáucia; nunca homem, com tantas razões de se desvanecer de si próprio, menos de si se ocupou, menos se infectou do amor de sua pessoa.

Tudo quanto nele amamos, quanto nele nos maravilhou, subsiste a subsistirá no pensamento dos homens, na série dos tempos e na recordação das coisas. Muitos dos varões da antiguidade – e da atualidade também, acrescento – cobri-los-á, como inglórios e menos dignos, o esquecimento.

Caxias, historiado e transmitido à posteridade, viverá sempre.”